

A IMPRENSA E O GOLPE: A INVENÇÃO DE MITOS HISTORIOGRÁFICOS.



Coube largamente a mídia nacional, informada por interesses da oposição – em especial do governador do então estado da Guanabara, Carlos Lacerda, e o ex-presidente Juscelino Kubitschek, ambos candidatos à sucessão de João Goulart, criar um ambiente negativo e de derrocada do governo constitucional. Em especial a agitação entre os segmentos militares – como a Revolta dos sargentos abaixo noticiada – serviriam como estopim da crise de março de 1964. Coube a esta mesma mídia criar um importante mito da incapacidade do governo de Jango em negociar ou administrar o país. Ora, o presidente era acusado de ser um terrível comunista, ora era considerado fraco e manipulado pelos comunistas. Grande parte da historiografia ainda repete, a partir da imprensa da época, a tese da incapacidade de Jango em governar. Contudo, as ações do presidente, como a Anistia aos militares de baixa patente, fosse uma tradição brasileira (aplicada várias vezes quando a revolta era por parte de oficiais superiores). A imprensa não reconhece, ainda, hoje o papel de “agentes provocadores” pagos pelos Estados Unidos, como no caso do notório Cabo Anselmo.

O Cruzeiro - 10 de abril de 1964 - Edição extra.

Fala aos sargentos: Princípio do fim

Texto de Glauco Carneiro

Perante mil sargentos das Forças Armadas e Auxiliares, o Sr. João Goulart, em violento discurso, pronunciado na noite de segunda, tornou irreversível sua posição de

esquerda e desencadeou, graças a essa definição, feita em termos candentes, a movimentação das forças que o derrubaram. Consideraram os chefes da revolta que, transigir mais com a posição ostensiva do Sr. Goulart, seria decretar a morte da democracia. O discurso de Jango, a 30 de março, foi o começo do fim.

Ênfase de Jango: ato final

NA OPINIÃO unânime dos chefes da “Revolução Libertadora pela Democracia”, a reunião a que compareceu o Sr. João Goulart na noite de segunda-feira, quando acesas estavam ainda as paixões ocasionadas pela rebelião dos marinheiros, foi a gota d’água que fez transbordar o copo. E que houve nessa reunião?

Há alguns meses a Associação dos Subtenentes e Sargentos da Polícia Militar do Ministério da Justiça (a que optou pelo serviço federal) convidara o Sr. João Goulart para se fazer presente à festa do 40.º aniversário da entidade, convite este adiado, a pedido do próprio Sr. Goulart, para outra oportunidade. Sentindo, porém, o Presidente, que se avolumavam as críticas contra a sua orientação julgada “quebrantadora da hierarquia e disciplina militares”, principalmente no caso dos marinheiros chefiados pelo Cabo José Anselmo, quis dar uma demonstração de força e prestígio junto aos escalões menores das Forças Armadas, aceitando a homenagem que lhe seria prestada pelos subalternos sediados na Guanabara, que aceitavam a sua orientação. A reunião da ASSPM realizou-se, portanto, com oradores inflamados e com discursos que repisaram, invariavelmente, a mesma tecla: reformas. E reformas nas próprias Forças Armadas. Chegou mesmo a ser vaiado o Sarg. Ciro Vogt, um dos oradores, que se atreveu a fazer reivindicações e agradecer ao Sr. Goulart benefícios prestados à classe dos sargentos. Foi vaiado porque, conforme declarou, respeitava os regulamentos disciplinares e se sentia impedido de fazer declarações políticas.

O discurso do Sr. João Goulart nessa reunião, realizada no Automóvel Clube, foi considerado pelos observadores como o mais violento de sua carreira, acusando seus adversários de subsidiados pelo estrangeiro e prometendo as devidas “represálias do povo”. A exaltação do ambiente, carregada ainda mais pela presença de agitadores comunistas, atingiu o auge quando da chegada do Almirante Cândido Aragão e do Cabo José Anselmo, tendo-se ambos abraçado sob os aplausos gerais. Anselmo quis falar à força na reunião, só sendo

impedido por interferência direta do Gabinete Militar de Goulart. Os chefes militares avaliaram a repercussão de uma reunião como essa, em que a hierarquia cedeu lugar a uma indisciplinada confraternização, e decidiram deflagrar a revolta. O discurso de Jango fôra o último pronunciado como Presidente.